

RESENHA DE LIVRO

Elaine Leporate¹
Lúcia Moreira²

SOBRE EDUCAÇÃO E JUVENTUDE: conversas com Riccardo Mazzeo

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

A obra “Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo” apresenta ponderações de Zygmunt Bauman em diálogos construídos com Riccardo Mazzeo, editor do Centro *Studi Erickson* em Trento, na Itália. A entrevista traz à tona reflexões de Bauman acerca da problemática da educação e da juventude no mundo atual em que o autor concebe o processo histórico de transformação das relações sociais e do cenário do mundo contemporâneo a partir do que ele denominou como modernidade líquida.

A crise da educação contemporânea é posta e conduz o leitor a compreender em “Entre mixofilia e mixofobia” o papel da cultura como “uma revolução permanente” e que a educação necessita de alimentar-se não apenas do conhecimento, mas, sobretudo, de pensamento crítico sobre o mundo “multicentrado e multicultural” no qual a arte de conviver com a diversidade necessita ser desenvolvida, aprendida e praticada. Em “José Saramago: formas de ser feliz”, diante de aspectos tristes e sombrios dos modos de ser e estar no mundo, o autor pondera que para sair da crise da educação há a necessidade de mudar a maneira de viver. No entanto, destaca que sempre é esperada essa mudança a partir do outro e não de si mesmo e, por isso, o ser humano caminha para a falta de sensibilidade e desumanidade.

Em “Gregory Bateson e seu terceiro nível de educação” as reflexões são sobre as crianças e a missão cada vez mais árdua que se apresenta nos atuais tempos líquidos: sua educação. A norma do processo de ensino e aprendizagem e nos ambientes da educação no

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis (UCP); Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Mestra em Psicopedagogia pela Universidad de La Habana – Cuba; Graduada em Psicologia (UFSJ). Professora e pesquisadora na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Campus Barbacena. Email: elaine.42340011@ucp.br

² Doutora em Psicologia (USP), mestra em Educação (UFBA) e graduada em Psicologia (USP). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). E-mail: lucia.moreira@ucp.br

mundo contemporâneo é a mudança nas formas de produção, aquisição, assimilação e aplicação do conhecimento frente ao advento dos aparatos tecnológicos que dominam os espaços socioeducativos. O que é fornecido aos estudantes em tempos de vida líquida-moderna é a aprendizagem rápida por meio de “mísseis inteligentes”, ao contrário dos “mísseis balísticos” em que a aprendizagem acontece ao longo do percurso.

Em “Da oclusão mental à ‘revolução permanente’, os mísseis são termos utilizados para metaforizar a tarefa do professor no processo de ensino-aprendizagem, mas o autor adverte que o conhecimento aprendido pelos alunos é descartável, pois sua utilidade é temporária e a capacidade de esquecer é instantânea. O propósito da educação é preparar os jovens para a vida e o ensino deve promover a construção do conhecimento passível de ser aplicado à vida, assim, a educação é a revolução permanente e o ensino não deve destoar o papel da educação estimulando a oclusão mental.

A sociedade hodierna é “líquido-moderna”, caracterizada pelo consumo, individualismo e por ambientes cada vez mais globalizados. Há muitos motivos para preocupação, mas não para desespero, em “Carvalhos e bolotas ridicularmente minúsculas”, pois é possível ter esperança de que as crianças e os estudantes desenvolvam a capacidade de pensar de maneira crítica mesmo num “mundo de pressões e coerções poderosas” (p. 26). Embora os poderes do sistema educacional atual pareçam limitados, uma vez que o mercado de consumo atua fortemente sobre a fragilidade humana, o autor, no capítulo “Em busca de uma genuína ‘revolução cultural’” defende possíveis poderes de transformação que acarretem uma alteração comportamental frente à sociedade consumista, sendo possível uma mudança radical nos modos de consumo.

A técnica da depravação é insidiosa, parece agradável, mas o objetivo é manter a servidão no consumismo aparentando que os indivíduos estão fazendo escolhas, mas a privação contínua limita a capacidade de pensar frente às pressões do mercado em “A depravação é a estratégia mais inteligente para a privação”.

Em “Minutos para destruir, anos para construir”, o autor alerta para a dificuldade de se imaginar o alcance da devastação social e cultural dos jovens que são privados de desenvolver um pensamento crítico frente às reais circunstâncias de uma sociedade capitalista em que concerne a preservação dos privilégios da minoria mantendo a privação da maioria.

“Em o jovem como lata de lixo da indústria de consumo”, segundo Bauman, o jovem é visto como um potencial em consumo e o mercado é muito forte nas redes sociais nas quais estão os jovens, em sua maioria. Como a questão é “adestrá-los para o consumo” (p. 53), outros assuntos relacionados à juventude, como investimentos na qualidade do ensino, são deixados de lado e a juventude, como um projeto de futuro, não compõe a agenda política, social e cultural.

Em “O esforço para melhorar a compreensão mútua é uma fonte prolífica de criatividade humana”, a partir de Gadamer, Bauman afirma que, apesar das incompreensões em nossas vidas diárias e cientes das armadilhas que permeiam a comunicação intercultural, numa visão antropológica, a “fusão de horizontes” (p. 58) é desejável. Ainda que pareça impossível que seja alcançada, é na comunicação transcultural e na busca pela compreensão mútua dos problemas que permeiam o pensamento subversivo e a legitimidade de toda forma de poder, que os jovens têm nas suas inter-relações uma fonte fecunda de criatividade cultural. Ao mesmo tempo em que os jovens têm um campo fértil de aprendizagem frutífera, os privilégios e a privação social distanciam a massa de jovens de suas esperanças em ascender na pirâmide social, uma vez que as portas para o mercado de trabalho estão diminuindo e o aumento do desemprego é uma marca da desigualdade social.

Em “Os desempregados sempre podem jogar na loteria, não podem?”, ao abordar o advento da “sociedade do conhecimento” (p. 64) é no conhecimento que se encontra a fonte básica da riqueza nacional e pessoal. No entanto, com o surgimento da geração “Ni-Ni”, que compreende os jovens sem emprego e sem educação, se esvai todo um horizonte de uma mobilidade social ascendente orientada pela educação. Bauman é absoluto ao afirmar que “A desigualdade de oportunidades é uma questão que só pode ser confrontada em ampla escala por políticas de Estado” (p. 74).

No capítulo “Incapacidade, anormalidade e minoria como problema político”, o autor tece crítica à visão simplista sobre o que é “normalidade” e “anormalidade”, em que a normalidade, muitas vezes, é definida pelo que é mais comum ou frequente em uma sociedade e em termos estatísticos, a partir de critérios quantitativos, o comportamento ou característica que aparece com mais frequência é considerado “normal” enquanto as variações que se afastam desse padrão são consideradas como “anormais”. A minoria que se encontra dentro da

“anormalidade” implica inferioridade e essas diferenças são perpetuadas no fenômeno da desigualdade social.

Um desfiladeiro crescente entre governantes e governados é apontado pelo autor ao afirmar que existe “uma alienação recíproca encoberta, de tempos em tempos, e por menos tempo de cada vez [...]” (p. 78), que encobre as verdadeiras causas das misérias sociais. Em “A indignação e os grupamentos políticos ao estilo enxame”, é notória a indignação do autor sobre a ação mediada da internet em fomentar uma ilusão de política uma vez que os jovens estão fadados às paixões vislumbradas no mundo virtual, o que impede que as explosões populares de protestos avancem do mundo tecnológico para o campo da vida real em que os reais motivos da raiva e do desespero deveriam ser as ações de uma sociedade que luta pela equidade de direitos.

No diálogo sobre “Consumidores excluídos e intermináveis campos minados”, os consumidores excluídos são uma versão contemporânea da desigualdade social, da divisão entre os que têm e os que não têm, reacendendo a problemática social, em que o campo minado social é como um distúrbio urbano gerado pela combinação de consumismo e desigualdade social crescente.

Mazzeo questiona Bauman sobre o mundo globalizado, frio e indiferente no qual as fronteiras aparentemente não existem, mas há categorias de pessoas que, em posição defensiva, criam barreiras que revelam as diferenças sociais. Bauman expõe que a sociedade tem um caráter cada vez mais disperso e muitos habitantes das cidades se sentem apreensivos e ameaçados quando expostos a estranhos da vida urbana e, assim, a primeira reação emocional é refugiar-se em minifortalezas denominadas “comunidades fechadas” (p. 92).

Em “Richard Sennet sobre diferença”, Bauman refere-se a Sennett que sugere que a cooperação informal e espontânea é o melhor caminho para vivenciar a diferença e reforça a recomendação do autor citado: “Ruas e escritórios tornam-se desumanos quando o que governa é a rigidez, a instrumentalidade e a competição; tornam-se humanos quando promovem interações informais, espontâneas e cooperativas” (p. 101), um caminho também profícuo aos educadores desejosos de ensinar aos desejosos de aprender.

A deterioração dos vínculos humanos é abordada em “Do ‘capitalista’ de Lacan ao ‘consumista’ de Bauman” e com isso o sentimento de culpa de não saber lidar com as próprias

mazelas e as sociais, sintomas do adoecimento mental se intensificam e os distúrbios psíquicos, como a depressão, síndrome do pânico, uso de álcool e drogas, bulimia e anorexia, este último muito relacionado com a ditadura da beleza. O que torna caro aos sujeitos humanos é o que o autor descreve como “pulverização das relações amorosas” (p. 106), em meio a vidas apressadas em que o mercado de consumo se apresenta constantemente às ordens, o dilema passa a ser compensado pela primazia da satisfação pelo prazer de consumir, o que pode ser uma ameaça à sobrevivência humana caso não aconteça a disposição dos seres humanos à autorrestrrição voluntária e auto sacrifício frente à economia consumista.

No diálogo do tema “Zizek e Morin sobre o monoteísmo”, os pensamentos de Zizek e Morin são postos por Mazzeo no sentido de criar um diálogo sobre a fé em valores e refletir a possibilidade de melhora das relações humanas por meio do valor da fraternidade. O que Zizek e Morin cunham é a natureza monoteísta da religião em que a aceitação das diferenças entre crenças religiosas conduz a uma convivência pacífica, benéfica e recíproca.

Diante da tentação consumista a que a humanidade está exposta, em “A petite madeleine de Proust e o consumismo” o autor afirma que somos consumidores forçados e crédulos, mas não mudos e é categórico ao dizer que “A submissão às tentações consumistas é um ato de servidão voluntária” (p.116) e finaliza o diálogo enfatizando que “[...] a energia vital poderia ser empregada a serviço de outros interesses humanos aos quais se recorre – compromisso, devoção, responsabilidade” (p. 116).

No diálogo “Sobre combustíveis, faíscas e fogueiras”, Bauman utiliza da metáfora da fogueira para dizer que a multidão está tanto em movimento quanto estacionária e, se o futuro está fora de controle, tem-se também um mundo conhecido saindo dos eixos e que explosões sociais se transformaram em esperanças cujo abrigo se encontra nas tendas montadas em praças públicas.

No último diálogo, “Sobre a maturidade da glocalização”, Mazzeo afirma que hoje “o global faz fronteira com o local, e vice-versa” (p. 123) e que se tem que suportar uns aos outros e viver conjuntamente. Segundo Bauman, as distâncias geográficas não são mais obstáculos, uma vez que as causas podem ser locais, mas não há fronteiras para as inspirações e apresenta o conceito de glocalização para finalizar os diálogos e sua obra enfatizando acerca das relações de amor que anseiam por proximidade e que se misturam ao ódio que almeja a distância.

Conviver é inevitável, seja para o bem ou para o mal, em que a permanência e o constante engajamento nas relações humanas são fundamentais para a nossa existência e para a vida em sociedade.

A obra mantém-se original e atual. O autor proporciona ao leitor relevantes reflexões sobre os desafios contemporâneos da juventude e a respeito da urgência de sua discussão no campo educacional.

Submissão em: 31/05/24

Aceito em: 20/02/2025

Citações e referências
conforme normas da:



MOMENTO

Diálogos em Educação

Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação



PPGEDU



EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.

